

território educativo

Território Educativo N.º 8 • Dezembro 2000
Revista da DIRECÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE

dossier

sobre Educação, Cidadania e Currículos Escolares

Manuel Jacinto Sarmento

Arsélio Martins

por dentro e por fora

da administração regional e local

visita guiada

ao Agrupamento vertical de Escolas do Vale do Gadanha

ao Grupo Coral dos professores do Porto

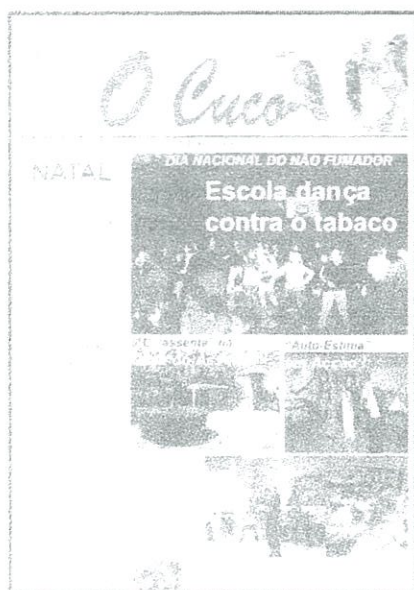
em foco

Coloured Umbrella

Evocação do Prof. Sant'Anna Dionísio

Bicentário do nascimento de António Feliciano de Castilho

Pedro Burmester - uma vida com história



Território Educativo N° 8 • Dezembro 1999 Revista da DRECDR - REGIÃO DE EDUCAÇÃO DO NORTE

Ficha técnica:

Entidade proprietária: Direcção Regional de Educação do Norte

Director: Jorge Martins

Coordenadora: Conceição Rocha

Colaboraram neste número:

Ana Araújo

António Aresta

Arsélio Martins

Carfinda Leite

Conceição Rocha

Cristina Gonçalves

Direcção do Agrupamento do Vale do Guadiana:

Fátima Correia Leite

Iolanda Castro

Jorge Barreira

Lino Ferreira

M^o João Schumacher

Manoel Sarmento

Manuela Costa

Paulina de Sousa

Ramiro Kozler

U. A. S. do Porto Oriental

Vitor Tété Gonçalves

Tiragem: 2500 exemplares

Fotografias: Ramiro Kozler e

base de dados da DRECDR

Grafismo e Composição: NTM - Comunicação e Publicidade, Lda

Edição: Editorial do Ministério da Educação

Estrada de Mem Martins, 4 - 2200-010

Feito em papel reciclado 100%

Impressão: NTM

Distribuição: NTM

Manuseio:

6 Casa da Comunicação Regional

Nestes últimos anos, todos nós, educadores e professores, temos vindo a constatar a cada vez mais marcante diversidade cultural da sociedade e a presença dessa diversidade nas nossas escolas. De facto, convive-se, hoje, no mesmo espaço geográfico, com diferentes hábitos de vida, com diferentes religiões, com pessoas de diferente cor de pele e aspecto físico, com pessoas que expressam os seus sentimentos de modos muito distintos e que se orientam por valores muito diversos. E, a acompanhar esta visibilidade de características multiculturais da sociedade, tem vindo a ser sustentado como princípio orientador da educação o "aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros".

A ideia de que a escola não se pode limitar a transmitir um saber instrumental mas que tem, sim, de criar condições para que cada um aprenda e se forme de modo a "aprender a ser" e a "tornar-se" já constou do ideal proposto nos anos 70 pela UNESCO¹ e de muitas das orientações das práticas de educação escolar. Agora, no final dos anos 90, e perante as mudanças que têm ocorrido nas sociedades, nomeadamente as que decorrem da mobilidade das populações e dos problemas de convivência entre culturas, "a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social"², diz a Comissão que elaborou o Relatório para a UNESCO sobre a educação para o século XXI. E, nesta linha, propõe que a educação se estruture em torno de quatro pilares:

- "aprender a conhecer", para que os alunos adquiram o domínio do conhecimento de modo a compreenderem o mundo que os rodeia e poderem nele participar;

- "aprender a fazer", de modo a que os alunos levem à prática os seus conhecimentos e desenvolvam competências que lhes permitam ir-se adaptando aos desafios decorrentes da evolução das sociedades, do saber e da técnica;
- "aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros", para que cada um, ao mesmo tempo que se conhece a si próprio, conheça os outros e tome consciência das semelhanças e das diferenças, e também das interdependências;
- "aprender a ser", para que cada um se desenvolva na sua dimensão total, "espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade"³.

São, também, estes pilares que sustentam o projecto em que estamos envolvidas e que aqui damos a conhecer.

Quando neste texto usamos o plural, estamos a falar de uma equipa de professores e educadoras de infância de instituições⁴ do Porto e de Gaia que há anos vem reflectindo as questões da educação face à multiculturalidade com o objectivo de desenvolver práticas de educação intercultural desde a primeira infância, ou seja, desde a educação pré-escolar e o 1º ciclo do ensino básico. Estamos, também, a usar o plural porque falamos de um grupo internacional em que, para além de Portugal, participam a Suécia, a Espanha e a Estónia.

Este grupo, pertencente a escolas e instituições portuguesas e estrangeiras, une-se em torno do desejo de: i) educar desenvolvendo processos de compreensão mútua entre crianças de diferentes origens linguísticas, sociais e culturais; ii) promover a democracia e o desenvolvimento de atitudes democráticas; iii) contribuir para evitar ou eliminar o racismo e a xenofobia.

¹ Ver o relatório da UNESCO, dos anos 70, para a educação: Faure, E. (1981). *Aprender a ser*, Coimbra: Liv. Almedina.

² Ver: Delors, J. e al. (1996). *Educação, um tesouro a descobrir*. Porto: Edições ASA.

³ *ibidem*, p. 85.

⁴ As instituições a que nos referimos são: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Centro Juvenil de Campanhã, Centro de Bem Estar Infantil e Juvenil do Coração de Jesus, Escola B1 da Serpente, Jardim de Infância Paulo da Gama.

O recurso a métodos criativos, o trabalho sobre as culturas das crianças e a troca de materiais sobre as experiências de vida de cada uma delas são algumas das estratégias que seguimos para caminhar no sentido dos objectivos e dos princípios que nos orientam.

Na equipa internacional existem educadores e professores de diferentes níveis de ensino (desde o pré-escolar e do 1º ciclo do ensino básico ao ensino superior), psicólogos, responsáveis por instituições educativas, trabalhadores sociais de organizações que apoiam a integração de imigrantes ou grupos desfavorecidos e, em conjunto, aprendemos a viver juntos e a desenvolver uma comunicação intercultural. Acreditamos que o desenvolvimento desta competência permitir-nos-á responder de forma mais consciente, nos nossos contextos profissionais, aos

desafios que a multiculturalidade das sociedades actuais hoje transporta para o interior das instituições.

Práticas educativas que instituímos

Partindo da crença que, se as crianças tiverem uma imagem positiva de si próprias, acreditarem nas suas capacidades e conceberem um futuro onde tenham lugar, junto com os outros de si diferentes, caminharão no sentido dos objectivos e princípios que nos orientam, recorreremos a práticas educativas onde cada criança aprende sobre si e sobre os outros. Deste modo, damos voz às diversas experiências de vida e proporcionamos um diálogo entre elas. Dito

COLOURED UMBRELLA



de outro modo, ensinamos recorrendo à vida e às culturas e estas vão atravessando o currículo escolar. Simultaneamente, e através destas estratégias, conseguimos educar de forma significativa (porque cada um se sente presente) e numa abertura e desocultação do(s) outro(s).

Há muito que as teorias da aprendizagem nos dizem que só ocorre aprendizagem real se a criança estiver envolvida no processo de construção do seu saber e se for capaz de estabelecer relações entre o que sabe e o que de novo se lhe quer ensinar. E as teorias sociais da educação e do currículo lembram-nos que, se não queremos que a escola seja um lugar de mera reprodução ou de aprendizagens técnicas e instrumentais, é necessário criar ambientes onde cada criança tenha

oportunidade de exteriorizar, identificar e verbalizar os seus sentimentos, aprenda a lidar com os conflitos e as contradições, sem se destruir, onde tenha oportunidade de clarificar e/ou descobrir o sentido das acções e dos trabalhos que realiza e onde vá aprendendo a integrar conhecimentos escolares com conhecimentos e situações do dia-a-dia. E é um clima de aprendizagem com estas características que tentamos instituir. Para isso, numa primeira fase deste projecto, trabalhamos em torno das identidades, dos sentimentos e das tradições. De diferentes formas, de acordo com as idades das crianças e especificidades dos grupos, desenvolvemos e articulamos um trabalho que se estruturou como meio de resposta, individual e colectiva, às seguintes questões: *Quem sou eu?*;

Como é a minha vida?; Quais as minhas tradições e como as celebro?.

As crianças, e mesmo os mais crescidos, pesquisaram, dialogaram com familiares e com os grupos com quem interagem, e falaram das regiões onde moram, dos lugares onde nasceram, dos grupos com quem convivem no dia-a-dia, do que fazem, da sociedade onde vivem, das suas histórias de vida. Falaram dos seus sentimentos, dos seus gostos, das suas tradições e das situações ou momentos que comemoram.

Para a sistematização desta pesquisa, as crianças escreveram textos, fizeram desenhos, tiraram fotografias, recortaram imagens e conceberam dramatizações. Apresentaram as suas pesquisas aos

colegas da sala e aos outros através de *posters*, livros, cassetes audio e vídeos. Trocaram correspondência com colegas de outras escolas, e de outros países. Ficaram a saber que as vidas de crianças de países de si distantes têm algumas coisas diferentes mas também muitas semelhanças. Compreenderam que todas as pessoas têm tradições, que, de um modo geral, todas festejam certas datas ou situações, mas que o que se festeja nem sempre é igual, tal como não o é a forma como se festeja. Compreenderam as razões que nos levam a ter comportamentos distintos e esperamos que tenham desenvolvido sentimentos de respeito pelos outros de si diferentes.

Este espírito de atenção ao outro foi, também, conseguido através do recurso a materiais concebidos numa lógica de interculturalidade. E,



como exemplo, podemos lembrar o trabalho a partir de contos como o *Elmer*⁵, *Os ovos misteriosos*⁶, *Meninos de todas as cores*⁷, entre outros.

Concretizando um pouco mais, por forma a clarificar a forma como trabalhamos com as crianças, apresentamos aqui dois exemplos das etapas presentes nessa acção.

1º exemplo:

- recorrendo ao conto "Meninos de todas as cores", de Luisa Ducla Soares, estabelecemos um diálogo sobre as reacções que cada um de nós, crianças e adultos, tem face ao diferente;

- surgiu a ideia de organizar uma representação teatral desta história e decidimos fazê-la para outros colegas, professores e pais;
- preparámos a representação e, para isso, elaborámos textos, distribuámos papéis, fizemos desenhos e adereços e organizámos a sessão;
- realizámos a representação ... e acreditamos que desenvolvemos o sentimento de que ser diferente não é mau mas que, pelo contrário, pode até ser bom e que a diferença é um direito.

2º exemplo:

- apresentámos o projecto aos alunos e procurámos no mapa os locais das escolas nele envolvidas;

⁵ Mackee, D. (1997). *Elmer*, Lisboa: Caminho.

⁶ Soares, L. Ducla (1994). *Os ovos misteriosos*, Porto: Edições Afrontamento.

⁷ Soares, L. Ducla (1990). *Meninos de todas as cores*, Lisboa: Oikos

- dialogámos sobre os aspectos que gostariam de conhecer dos outros e sobre os modos como nos poderíamos dar a conhecer;
- fizemos pesquisas;
- organizámos a informação;
- soubemos o nome dos meninos e meninas das outras escolas (os membros da equipa tinham trocado correspondência sobre os nomes, idades e sexo das crianças);

- cada criança redigiu uma carta a um menino ou menina específico/a;
- enviou-se a carta;
- recebeu-se desse menino, ou menina, uma carta que o/a deu a conhecer ... e acreditamos que se começou a desenvolver um sentimento de amizade por alguém que está distante mas que, como nós, tem uma história de vida.

✧

Hello Jorge.

My name is Erlend Orav. I am a boy and I am 8 years old.
My birthday is 04.09.1991. My hobbies are: playing basketball, collecting basketball cards, going to trainings and playing interesting games with my friends.
In my family are: my Father, my Mother, 3 sisters, my, our dog and a small hamster.
That is all for this time. I hope you will write me back soon!

My adress is: ERLEND ORAV.
PÖLLU 5-6
KEILA 76610
ESTONIA.



Hello Gustavo! ✧

My name is TRIIN and
I'm eight years old.
My birthday is 09.05.91.
I hope you write Me
back.

BYE! BYE!



Algumas considerações finais

Apesar de aderirmos aos ideais que orientam este projecto e de nos sentirmos satisfeitos com as reacções das crianças, temos consciência que a acção que desenvolvemos não representa mais do que um pequeno contributo para uma formação para a interculturalidade. E temos, também, consciência da pequenez desse contributo se esta formação se esgotar nos momentos em que a criança connosco convive. Por isso, o projecto procura envolver neste espírito as famílias e outros educadores. A nível internacional, assumimos o compromisso de nele fazer participar outras entidades e de divulgar o projecto a outros

educadores. Daí uma das razões deste texto. Esperamos que, ao divulgá-lo, outros colegas e profissionais façam uma reflexão sobre a forma como a escola responde à diversidade cultural e como participa (ou não participa) numa "aprendizagem do viver juntos e do viver com os outros", ou seja, numa aprendizagem intercultural.